

FH fará da segurança sua bandeira

Gregori admite que resultados da ação do Governo foram tímidos nessa área, que terá prioridade

Cristiane Jungblut

Alton de Freitas / 4-4-97

A segurança pública vai ser uma das bandeiras da campanha para a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. O secretário de Direitos Humanos, José Gregori, e o ministro da Educação, Paulo Renato, já começaram a esboçar essa parte do novo programa de governo de Fernando Henrique, que também deverá ser dividido em temas, como na campanha de 1994. A opinião generalizada é que, durante os quatro anos da administração Fernando Henrique, o tema da segurança foi o menos explorado dos cinco dedos da mão usados para apontar prioridades da campanha em 1994.

O ano de 1997 foi marcado por rebeliões de presos e por revoltas inéditas de policiais militares por melhores salários. Por isso, a segurança merecerá atenção especial na campanha. Há consenso no Planalto em torno de que o Governo falhou na divulgação das poucas ações realizadas nessa área — como as leis que transferiram para a Justiça comum o julgamento de crimes dolosos cometidos por PMs e que tornaram crime o porte ilegal de armas. Para Gregori, o Governo foi modesto no ano de 1997 na área da segurança, e não resolveu o problema das PMs, que vêm sendo acusadas de abuso de autoridade e de violência contra presos e sem-terra, por exemplo.

— Nenhum candidato a presidente ou a governador estará bem situado na campanha eleitoral se não cuidar do tema da segurança, se não tiver propostas concretas. Aqueles que apóiam a candidatura do presidente Fernando Henrique Cardoso à reeleição têm plena consciência disso — disse Gregori.

Discussão sobre comando de campanha e programa já começou

O presidente quer adiar ao máximo o início da campanha, mas dentro do Governo seus assessores mais próximos já iniciaram a discussão sobre a formação do comando que vai elaborar a plataforma e aprovar a estratégia de campanha. As discussões devem ser informais até abril, quando o presidente fará a reforma ministerial, podendo saber então com quem poderá contar na equipe de campanha. Fernando Henrique quer separar ao máximo Governo e campanha eleitoral, impedindo que os ministros participem, pelo menos formalmente, de sua coordenação de campanha.

Amigo do presidente, Gregori não deixou de reconhecer a tímida atuação do Governo na questão da segurança. Para ele, o Governo reagiu bem à rebelião das polícias militares em vários estados, assumindo informalmente o comando das ações para acabar com as manifestações e iniciando um debate nacional sobre a situação das PMs, mas não pôs em prática medidas para mexer na estrutura das polícias. Depois de muita discussão, o Governo decidiu criar a Secretaria Nacional de Segurança Pública, que teria a função de modernizar a estrutura das PMs, e submeter as corporações a questionários sobre

seu funcionamento. Mas o novo secretário nunca foi nomeado e os questionários, que deveriam começar a ser respondidos em agosto, nunca foram enviados aos estados. O Governo também elaborou a emenda constitucional que reestrutura as PMs, mas a proposta está parada no Congresso.

— Para o Governo, o ano terminou modesto nessa área, porque se começou um debate sobre os salários dos PMs e não se fez mais nada. Espero que a questão seja retomada em 98 porque, apesar dos avanços na área dos direitos humanos, o país continua violento. O desafio agora é pôr as propostas que surgiram em prática — disse Gregori.

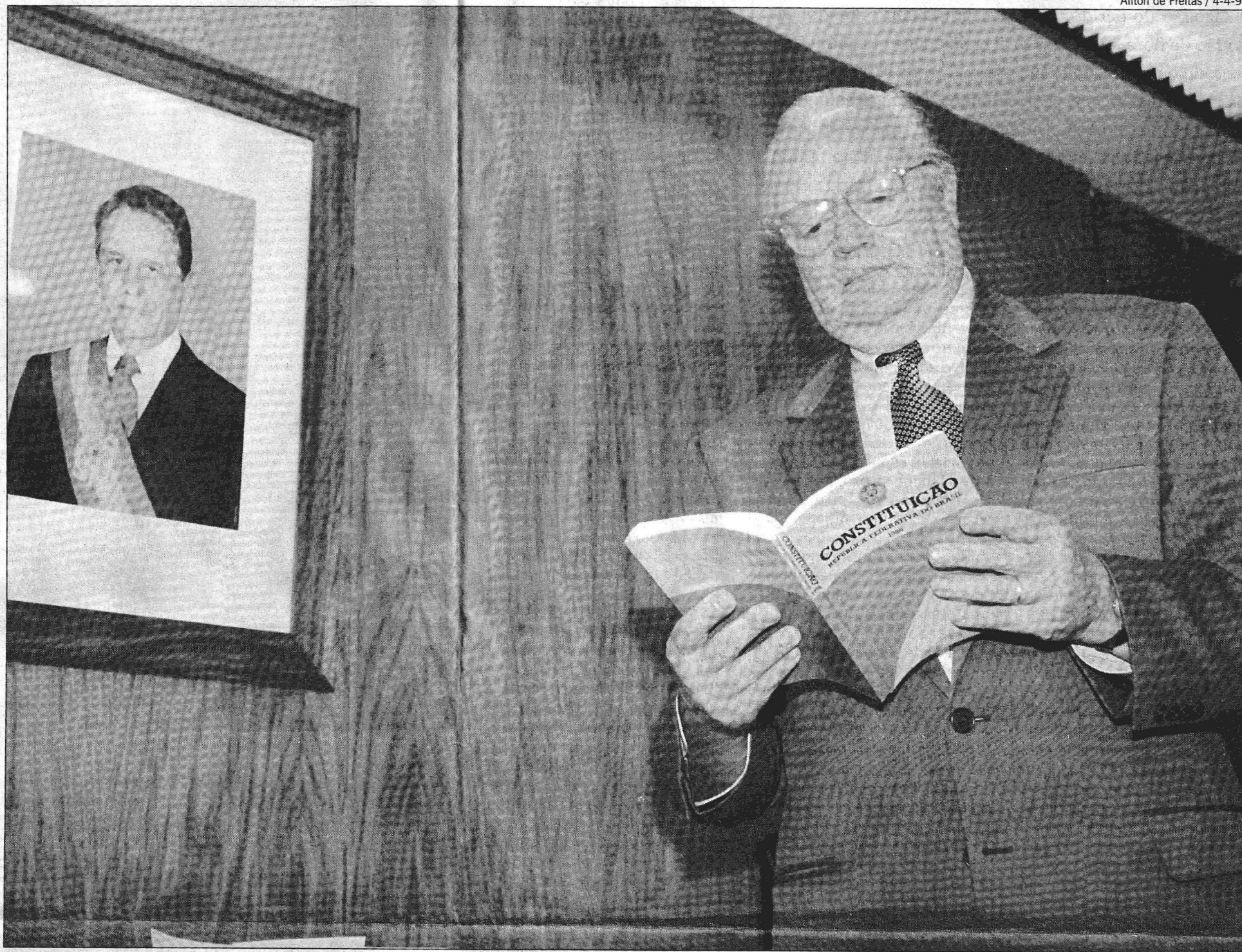
Na área social, ele acredita que o Governo fez muita coisa, mas falhou na divulgação de suas realizações. Para Gregori, se criou a falsa idéia de que o Governo priorizou apenas os problemas na área econômica.

— O Governo também valorizou o social. Com a estabilidade econômica, a população está comendo mais, tendo

acesso a mais produtos e mais crianças estão recebendo a merenda escolar. Isso é social também. Daí que é balela dizer que o Governo só valorizou o econômico. Temos que corrigir isso, tanto em termos de comunicação com a população, quanto em termos de discurso de campanha — disse Gregori.

A intenção dos tucanos é formar o comando de campanha sem a participação dos caciques dos partidos aliados. O PSDB já vetou a participação do presidente do PPB, Paulo Maluf, na equipe e também não quer a indicação formal do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), cujo nome foi lembrado pelo presidente do PFL, José Jorge (PE). Para o PSDB, os assessores mais próximos do presidente e que já participaram da campanha de 1994 devem formar a equipe. O presidente do Senado reagiu com bom humor.

— É cedíssimo para se falar em comando de campanha. Além disso, o presidente Fernando Henrique Cardoso escolhe quem ele quiser — disse ele. ■



JOSÉ GREGORI: "Nenhum candidato a presidente ou a governador estará bem situado na campanha eleitoral se não cuidar do tema da segurança, se não tiver propostas concretas"